

Domesticidades ciborgues: habitar entre as fronteiras durante o isolamento social da COVID-19

Paula Lemos Vilaça Faria (UFMG, Brasil)

paulalemosvilaca@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2992-5790>

Marcela Silvano Brandão Lopes (UFMG, Brasil)

marcelasbl.arq@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5248-5957>

Domesticidades ciborgues: habitar entre as fronteiras durante o isolamento social da COVID-19

Resumo: Este trabalho busca discutir a tensão entre limiares físicos e digitais no morar durante a pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020 e 2023, pensando novas formas de definir a domesticidade e a produção do espaço doméstico. Essa ambiguidade é trabalhada a partir de uma revisão bibliográfica do “Manifesto Ciborgue”, da filósofa Donna Haraway, em diálogo com os filósofos Pierre Dardot e Christian Laval, e com a pesquisadora McKenzie Wark. Neste contexto histórico em que a casa se tornou o espaço do confinamento para muitos, suas fronteiras entre dentro e fora, físico e digital, se tornaram turvas diante da ubiquidade das tecnologias de comunicação presentes no âmbito doméstico. Assim, busca-se repensar e remontar os termos dessa domesticidade, reescrevendo seus significados tal qual a figura fictícia de Haraway.

Palavras-chave: Domesticidade; Morar; Limiares.

Cyborg domesticities: dwelling between borders during COVID-19 social isolation

Abstract: *This paper seeks to discuss the tension between physical and digital thresholds in living during the COVID-19 pandemic, between 2020 and 2023, thinking about new ways of defining domesticity and the production of domestic space. This ambiguity is worked out through a bibliographical review of the “Cyborg Manifesto”, by philosopher Donna Haraway, in dialogue with the philosophers Pierre Dardot and Christian Laval, and with the researcher McKenzie Wark. In this historical context in which the home has become a space of confinement for many, the boundaries between inside and outside, physical and digital, have become blurred in the face of the ubiquity of communication technologies present in the domestic sphere. The aim is therefore to rethink and reassemble the terms of this domesticity, rewriting their meanings just like Haraway’s fictional figure.*

Keywords: *Domesticity; Living; Thresholds.*

1. Introdução

Este trabalho busca discutir a tensão entre limiares físicos e digitais no morar durante a pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020 e 2023, pensando novas formas de definir a domesticidade e a produção do espaço doméstico. Aqui, esse conceito é explorado aproximando-se da ideia do ciborgue, que habita a fronteira e não pode ser percebido a partir das dicotomias derivadas do pensamento positivista. Partindo desses conceitos cunhados pela filósofa Donna Haraway, é estabelecido um diálogo com outros teóricos, filósofos e pesquisadores como Pierre Dardot, Christian Laval e McKenzie Wark. O texto busca, num processo de montagem e desmontagem, construir novos significados, sem se fechar em uma ideia única, tal qual é colocado por Haraway em seu manifesto que nos inspirou. Pensar numa práxis aberta e em construção, que navega entre fronteiras e coloca-se como múltipla por si só é essencial para questionar os cânones em que é embasado o conhecimento ensinado em campos tão tradicionalistas como a Arquitetura e o Design. Na contemporaneidade, em uma conversa com o pensamento de Bruno Latour, de fato jamais fomos modernos, jamais fomos apenas um ou apenas outro. E os conceitos e definições das domesticidades e dos modos de morar situam-se em um momento de não serem parte apenas de um lado de determinada polaridade, e sim um movimento contínuo entre ambas.

Este texto é uma adaptação da pesquisa de mestrado “Domesticidades e contra-domesticidades: crônicas e cacarecos de vidas confinadas” (Faria, 2024), defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, dentro da linha de pesquisa Projeto, produção e experiência do espaço. Essa investigação buscou compreender, a partir de crônicas publicadas durante o isolamento social imposto pela pandemia, as muitas domesticidades e modos de morar nesse momento de ambiguidade entre limites físicos e digitais. Desse modo, para além de objetos de pesquisa, as crônicas tornaram-se também uma ferramenta para a escrita da dissertação, bem como componentes de uma colagem em que foram juntando-se vários escritores. Para a construção desse método, partiu-se inicialmente do “pensar por constelações”, descrito por Rita Velloso baseando-se em Walter Benjamin, que menciona a relação entre os componentes investigados, como estrelas e suas linhas imaginárias que as conectam em determinado conjunto. Essa lógica aborda não apenas a relação pela proximidade entre uma estrela e outra, mas também as possibilidades de sentidos que o conjunto pode demonstrar ou receber (Velloso, 2018).

Dessa forma, somou-se ao arcabouço teórico dessa pesquisa um referencial bibliográfico constituído também pela literatura de ficção científica. Ursula K. Le Guin, escritora desse gênero literário, no ensaio “A teoria da

bolsa de ficção” (2021), discute a forma como as narrativas são construídas e sua insistente linearidade, que em sua perspectiva privilegia a arma, o herói acertando uma presa como uma lógica definitiva. Le Guin traz outro tipo de racionalidade, enfatizando a bolsa, a partir dos caçadores coletores e seu armazenamento de objetos em uma jornada, subvertendo as narrativas heroicas. Essa sacola, cheia de itens diferentes que se agregam e são valiosos para serem mantidos, um recipiente “cheio de começos sem fim, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, e muito mais artimanhas do que conflitos, muitos menos triunfos do que armadilhas e delírios; cheio de naves espaciais que ficam presas, missões que falham, e pessoas que não entendem.”

A partir de uma constelação de autoras que escrevem ficções e sobre escrever, o modus operandi de colecionar cacarecos em uma bolsa como processo de investigação foi sendo delimitado como um método, culminando na disposição desses objetos em uma superfície de pesquisa para se pensar os sentidos possíveis de serem construídos. Para além de meras referências reunidas e revisadas, trata-se de um modo de fazer e de pensar dentro do trabalho de pesquisadora, em que as questões que despertam a curiosidade vão se agregando e esbarrando, constituindo uma trama com linhas e nós em que se unem. Essa transdisciplinaridade característica de outros pesquisadores, como a arquiteta e pesquisadora Beatriz Colomina (2023, p. 16) que diz pensar por imagens como um método particular para investigar e compreender a arquitetura, se aproxima do aqui definido como um pensar por colagens. Na dissertação de mestrado mencionada anteriormente, da qual esse texto integra, texto e imagem possuem a mesma importância das imagens. Segundo o arquiteto Fernando Fuão, “o que qualifica a collage é a aproximação do distanciado. A collage só pode existir em um mundo despedaçado, fragmentado, hostil, por isso é expressão de nosso tempo.” (Fuão, 2014, p. 100). Nesse mundo hostil e jamais intacto, com pedaços a serem colados não como um quebra-cabeça perfeito, mas como composições outras, constroem-se novos mundos, novos conceitos: ciborgues como práxis em um constante processo de produção. Pensar novas metodologias é poder fazer o que Le Guin propõe ao dizer que “ainda há sementes para serem coletadas, e espaço na bolsa das estrelas.” (Le Guin, 2021, p. 24)

Em 2021, em regime híbrido, ocorreu o Primeiro Congresso Internacional Feminista de Arquitetura e Cuidados, a partir da organização de pesquisadoras independentes na Espanha. Dividido por eixos de discussão, nos quais o cuidado assume diferentes contornos em cada trabalho apresentado, o congresso trouxe abordagens diversas que tangenciam a temática principal. Dentre elas, dois eixos são relevantes aqui. O primeiro é chamado “Novas

domesticidades”, dentro do qual há uma coexistência bastante mista de temas. Nele destaca-se o trabalho “Los Bares y el Dispositivo Doméstico”, apresentado por Francisco Javier Rueda Córdoba, da Universidade Complutense de Madrid. Na pesquisa de Córdoba é proposta uma análise da domesticidade como um dispositivo expansível para além da espacialidade da casa, levando a própria domesticidade a uma ampliação temporal, com limites elásticos em consonância ao momento histórico em que está situada. Segundo o autor, a rede de dispositivos domésticos foi reduzida à sua mínima expressão ao longo do isolamento, elevando a casa a um lugar de concentração das muitas domesticidades, principalmente atravessada por questões de gênero pré-existentes.

O segundo eixo relevante para situar este trabalho é chamado “Interações pandêmicas”, direcionado especificamente para a crise sanitária devido à COVID-19 e as questões críticas de desigualdade evidenciadas ligadas ao trabalho remoto. Este grupo temático propõe uma reflexão sobre as consequências do trabalho remoto em espaços e tempos sobrepostos. Aqui destaca-se o trabalho “Screen Care: Visibility, Invisibility and Metaphors of Home in the Context of Pandemic”, apresentado por Luísa Sol, da Universidade de Lisboa. Sol, partindo de imagens e do audiovisual, discute as telas como um dispositivo mediador do cuidado e conexão entre as pessoas atualmente. Para a autora, durante o isolamento, diante novos paradigmas impostos ao espaço da casa, essa espacialidade passou a ser considerada eficiente quando possuía ferramentas digitais conectadas à internet, levando sua ausência a se tornar um indicador de desigualdades. Assim, a espacialidade doméstica e sua suficiência ou subsistência nesse período passou a implicar diretamente em sua emissão por meios digitais. A pesquisadora coloca as telas em um lugar de compartilhamento que possibilitaria a construção de contra-narrativas através dos meios de comunicação, para a definição do que é visível ou invisível, ao considerá-las o maior espaço público da contemporaneidade.

Apesar de um otimismo com as ferramentas digitais, a proposta de repensar o lar no contexto do isolamento elaborada por Sol, somando-se ao trabalho de Córdoba mencionado anteriormente, torna possível perceber que já existe um movimento de se discutir no âmbito da arquitetura as mudanças envolvendo o morar em curso na contemporaneidade e como foi impactado pela pandemia. Este trabalho está inserido nesse contexto de discutir e reelaborar como a domesticidade é conformada e percebida diante do isolamento social no Brasil, dando um passo em direção a outras definições possíveis para ela, partindo da compreensão que são muitas definições possíveis. Busca-se então delinear o morar em um período de restrições físicas rígidas, mas que elevou o digital a um status de importância muito grande

para a manutenção de inúmeras atividades realizadas previamente fora de casa. Nessa compreensão, foi percebida uma questão fronteira, na qual as dicotomias dentro e fora / físico e digital tornaram-se bem delineadas e bastante borradas simultaneamente.

É por essa ambiguidade, essa domesticidade ambivalente, que iremos navegar, para tentar responder as perguntas: como a domesticidade relacionada a um ideal de refúgio é atravessada pela imposição da superposição de outras atividades, explodindo inclusive as delimitações pré-estabelecidas de público e privado? Como ficam as fronteiras entre dentro e fora, simultaneamente bastante demarcadas, mas também borradas devido à invasão de tecnologias que mantiveram sociabilidades que nos conectaram e ainda conectam com o mundo exterior à casa? Como essas diferentes percepções de moradores constroem múltiplas manifestações de domesticidades atualmente, com hibridismos permeados pelo isolamento social da pandemia dentro do espaço da casa?

2. O ciborgue: imaginários, montagens e desmontagens

Donna Haraway, filósofa estadunidense, discute no texto “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, a ideia do ciborgue como o termo mais preciso para nomear nossa relação com a tecnologia e com a ciência. Esse conceito, que pode parecer em um primeiro momento um personagem presente apenas na ficção científica, é bastante coerente para as definições de humanidade que a filósofa propõe sob um viés feminista. Para Haraway o ciborgue é “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção.” (Haraway, 2000, p. 36). A autora define a realidade social como o conjunto de relações sociais vividas, “nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo.” (Haraway, 2000, p. 36). Ela reforça em sua definição a forma como o ciborgue traz um senso de possibilidade, e, ao situar-se entre a matéria da ficção e da experiência, que é associada aqui especificamente à experiência das mulheres, “trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica.” (Haraway, 2000, p. 36). A filósofa defende que a figura do ciborgue é um recurso imaginativo para compreender acoplamentos diante da contemporaneidade. Ao longo do manifesto, Haraway levanta questões voltadas para os limiares entre o natural e o artificial, separações binárias socialmente construídas, que também podem ser desconstruídas quando essa criatura entra em cena para confundi-las. Ela diz que “as coisas que estão em jogo nessa guerra de

fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação.” (Haraway, 2000, p. 37).

A autora segue a discussão descrevendo o ciborgue como não estruturado por polaridades, como público e privado, por exemplo, definindo uma pólis tecnológica a partir de uma “revolução das relações sociais do *oikos* – a unidade doméstica.” (Haraway, 2000, p. 39). Para ela, “com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra.” (Haraway, 2000, p. 39). Nesse “mundo de ciborgues” (Haraway, 2000, p. 39), são questionadas as relações para construir totalidades, polaridades e dominações hierárquicas. Ainda que descritos como “filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal” (Haraway, 2000, p. 40), os ciborgues situam-se na transgressão de limites que não estão apenas no lugar de uma separação, mas também de um acoplamento, de contato entre as fronteiras. Para Haraway, essas diferenciações estão sempre sujeitas a vazamentos, assim como as tentativas de separar em lados opostos a máquina e o animal-humano ou o dualismo físico e não-físico. A filósofa traz em seu manifesto as percepções sobre a tecnologia e os dispositivos eletrônicos modernos, em aparente ubiquidade invisível, como semelhantes às criações em narrativas mitológicas de deuses soberanos. Com isso, é reforçado o papel da escrita, como dispositivo de poder e da tecnologia como “velhos parceiros nas narrativas de origem da civilização, típicas do Ocidente [...]” (Haraway, 2000, p. 43).

A confusão de fronteiras, ideia reforçada pela “ciência ‘mais dura’” (Haraway, 2000, p. 44), é aqui colocada para ser transgredida, a partir de fusões e possibilidades que tornam-se parte de um trabalho político. Haraway fala a respeito de uma mudança de perspectiva para que possamos compreender e fabricar formas outras do poder em sociedades tecnologicamente mediadas.

A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. (Haraway, 2000, p. 46).

A filósofa também questiona em seu texto as inúmeras categorizações que algumas vertentes do feminismo possuem, que reforçam um desejo de pensamento único sobre as mulheres. A “categoria” mulher, para Haraway, não se une naturalmente, e é bastante escorregadia quando encaixada em definições que podem restringi-la a grupos específicos. O que a autora chama de uma espécie de ideal de uma linguagem comum é imperialista e totalizante (Haraway, 2000, p. 83). Esse comentário é de extrema importância

ao pensar os conceitos aqui também desmontados e remontados de maneira a não se organizarem em outras ideias definitivas e únicas. Assim como para Haraway há uma urgência em pensar um feminismo ciborgue, ao argumentar que não é possível aceitar uma matriz identitária como natural, como construções de uma totalidade, a domesticidade também parte de ideias socialmente construídas.

Soma-se então ao pensamento de Haraway outra discussão, a da informática da dominação. Aproximam-se aqui as noções da teórica McKenzie Wark e sua percepção do capital em um estado de mudança na contemporaneidade. Wark situa-se em consonância com a linha de raciocínio de Haraway, em que a primeira retoma Marx nas reflexões sobre tecnologia. O filósofo alemão entende a tecnologia não como dotada de uma essência, mas como algo que surge de determinadas circunstâncias históricas. Assim, Marx compreendia a tecnologia como intimamente ligada ao humano e ao não humano.

De fato, a tecnologia pode ser a zona desumana onde as distinções entre o humano e o não humano, sem mencionar as ansiedades sobre sua permeabilidade, se originam. Entre outras coisas, a tecnologia intermedia os sentidos do humano para o ser humano. Para ocupar apenas a primeira dessas conexões por enquanto: Marx podia ver a tecnologia como conectada ao humano de uma maneira dupla. Simplificando: o *conteúdo* da tecnologia é trabalho; a forma da tecnologia é capital. É o trabalho vivo que faz a tecnologia; a tecnologia é o trabalho morto congelado – gosma rosa – que então retorna para confrontar o trabalhador na forma de capital. A *forma* de tecnologia é capital, na medida em que é moldada pelo objetivo de extrair valor do trabalho (e da natureza) da forma mais eficiente possível.[...] A tecnologia não é uma coisa separada, então. É íntimo do humano, de uma forma bifurcada: capital na forma e capital em conteúdo, é trabalho. O trabalho faz a máquina, mas não como parte de sua própria escolha. Há uma conexão paralela, por outro lado, com o não humano, a natureza. A tecnologia é feita e refaz a própria natureza. O conteúdo da tecnologia é materialidade sensível, ferro e carvão misturado com trabalho; sua forma é mais uma vez a forma do capital. (Wark, 2022, p. 84-85)

Essa passagem da sociedade industrial e orgânica para um “sistema polimorfo” (Haraway, 2000, p. 59) e informacional, leva Haraway a debater a transição de dominações hierárquicas a partir das dicotomias que não podem ser definidas como naturais, nem em suas versões anteriores, nem as atuais.

Nenhum objeto, nenhum espaço, nenhum corpo é, em si, sagrado; qualquer componente pode entrar em uma relação de interface com qualquer outro desde que se possa construir o padrão e o código apropriados, que sejam capazes de processar sinais por meio de uma linguagem comum. (Haraway, 2000, p. 62)

Haraway ainda completa dizendo que “as dicotomias entre mente e corpo, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, homens e mulheres, primitivo e civilizado estão, todas, ideologicamente em questão.” (Haraway, 2000, p. 63). E com isso, delimita a situação das mulheres e seu trabalho de forma integrada e explorada em um “sistema mundial de produção/reprodução e comunicação que se pode chamar de ‘informática da dominação’” (Haraway, 2000, p. 63).

A casa, o local de trabalho, o mercado, a arena pública, o próprio corpo, todos esses locais podem ser dispersados e entrar em relações de interface, sob formas quase infinitas e polimórficas, com grandes consequências para as mulheres e outros grupos consequências que são, elas próprias, muito diferentes para as diferentes pessoas, o que faz com que seja difícil imaginar fortes movimentos internacionais de oposição, embora eles sejam essenciais para a sobrevivência. (Haraway, 2000, p. 63)

Aproximamos então as definições de Haraway de uma necessidade de desmontagem dos ideais de moradia como refúgio e lugar de proteção na pandemia. Dada a ambiguidade dos limites e das atividades concentradas num mesmo espaço nesse período, a binaridade não foi suficiente para contemplar uma única definição para domesticidade. Remontar esse conceito implica em observar onde suas permeabilidades estão em xeque, como a invasão de uma espacialidade digital dentro do lugar físico, com o trabalho e ensino remotos, bem como outras atividades que utilizaram esses recursos tecnológicos para ampliar o que o físico precisava conter em termos de proteção do vírus.

Retomando Haraway, seu manifesto segue levantando a importância das tecnologias de comunicação e das biotecnologias nesse novo modo de pensar e remodelar os corpos, trazendo inclusive a questão do próprio discurso tecnológico e científico compreendidos como várias formalizações, “momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem” (Haraway, 2000, p. 64), mas também como “instrumentos para a imposição de significados” (Haraway, 2000, p. 64). Aqui a noção de Haraway aproxima-se das definições de práticas instituintes e constituintes ditas por Castoriadis e explicitadas por Pierre Dardot e Christian Laval na obra “O comum: Ensaio

sobre a revolução no século XXI”, no capítulo “A práxis instituinte”. Dardot e Laval discutem, a partir das definições de Castoriadis, para quem o conceito de instituição não coincide com o do instituído, a ideia de instituinte.

Para Castoriadis, o instituído em si vem do exercício do poder instituinte enquanto poder criador. Ele coloca a história como um elemento novo de natureza radical, capaz de criar imaginários radicais e um imaginário social. Dardot e Laval, a partir dessa colocação, dizem que:

É esse radicalmente novo que é preciso tentar tornar inteligível, e não a variação do existente. A instituição não deve ser vista acima de tudo, e principalmente, como instituído, mas como instituinte que origina instituído, que, por sua vez, será subvertido pelo radicalmente novo. O momento instituinte é testemunho de uma capacidade humana específica que consiste em criar a partir de nada um significado inteiramente original. Nesse sentido, a representação não é *imagem de*, mas é forma radicalmente nova, da esfera daquilo que Castoriadis chama de “imaginário”. Esta última noção é introduzida em sua obra por intermédio do conceito de “significação imaginária social”, a contrapelo das concepções funcionalistas, que reduzem toda instituição social à função de satisfação das necessidades humanas. Para ele, trata-se de trazer à tona a dimensão própria do simbólico à qual pertencem não só a linguagem, como também, mais amplamente, todo o sistema de significações. Toda simbolização provém do imaginário, na medida em que ela pressupõe a capacidade de “ver numa coisa o que esta não é ou de “vê-la diferente do que é.” (Dardot, Laval, 2016, p. 347)

Os filósofos apontam que o que Castoriadis chama de imaginário possui duas dimensões, do instituído e do instituinte. A primeira associa-se às significações simbólicas já instituídas, contribuindo para sua reprodução. Já a segunda dimensão é aquela capaz de instituir o radicalmente novo, responsável ao longo da história pelas rupturas inéditas e emancipatórias. É o imaginário radical instituinte que caracteriza o “social-histórico humano” para Castoriadis (Dardot, Laval, 2016, p. 348).

Por “imaginário é preciso entender, aqui, nem tanto a capacidade de representar uma coisa ausente que já foi dada à percepção o que diz respeito à imaginação “reprodutora” –, mas a capacidade incomparavelmente radical de “fazer surgir como imagem uma coisa que não existe e não existiu”, ou ainda a “faculdade original de estabelecer ou conceber, no modo da representação, uma coisa e uma relação que não existem (não são dadas ou nunca foram dadas à percepção). Essa valorização teórica do imaginário não parece ser independente da ideia revolucionária que move Castoriadis. Pois, se é verdade que “a sociedade instituída é

sempre trabalhada pela sociedade instituinte”, e que, “sob o imaginário social estabelecido sempre corre o imaginário radical”, também é verdade que, no mais das vezes, a sociedade se dedicou a negar e encobrir sua própria dimensão instituinte. Por isso, o projeto radical de emancipação não pode ter outro objetivo senão o de uma sociedade conscientemente autoinstituinte, que é apenas outro nome para “democracia”. Percebe-se por que uma posição revolucionária na política requer que se parta de uma definição do social ruptura e à emergência de um significado inteiramente inédito na história. (Dardot, Laval, 2016, p. 347)

Segundo Dardot e Laval, a atividade instituinte conceituada por Castoriadis possui dimensões sociais e políticas, na medida em que, em determinados momentos dramáticos da sociedade, como nas revoluções, é a partir dela que haverá o questionamento da instituição estabelecida e a criação de significações imaginárias novas e compartilháveis por todos. A partir desses conceitos, os autores trazem a ideia da práxis para pensar as possibilidades de surgimento de novos significados sociais. Para Dardot e Laval, pelo fato de a política ser fundamentalmente práxis, ela não pode ser destruída. Para eles, na práxis instituinte há uma intenção revolucionária, e para afirmá-la recorrem à frase de Marx em “18 Brumário”, que diz que “os homens fazem sua própria história” (Dardot, Laval, 2016, p. 357).

Ela nos diz, em substância, que esse “fazer”, que não é da ordem da fabricação técnica, nem por isso é uma “criação a partir de nada” ou uma “criação absoluta”. Os homens, embora “façam” sua história, fazem-na sempre em circunstâncias e condições que eles não escolheram, que eles “encontram sempre já aí, porque foram herdadas das gerações anteriores. Por esse lado, o “fazer” dos homens é sempre condicionado pelos resultados da atividade daqueles que os precederam. Todavia, esse condicionamento não apenas não exclui a criação do novo, como o torna possível. Isso porque as condições encontradas já aí por cada geração não são um meio neutro, ao qual a ação dos homens só poderia se conformar passivamente. Pois esse é o segundo lado do “fazer”, ao agir em determinadas condições, os homens agem sobre essas condições de tal modo que “estabelecem” novas condições. Eles subvertem assim o antigo estado de coisas e trazem à existência o que não possui precedentes na história. (Dardot, Laval, 2016, p. 357)

Para os filósofos, as pessoas agem nesses períodos críticos a partir do que já está dado e que as precede, de um instituído. Porém, essa ação não é exatamente apenas repetição desse precedente, uma vez que esse agir no presente em meio ao “herdado” também parte de uma ocupação das brechas onde

surge o novo. Essa ação produz a história e seus atores simultaneamente, transformando ambos nesse processo, sem ser necessariamente uma relação de causalidade entre si. Para Dardot e Laval, a práxis instituinte promove na sua ação a automodificação, e, conseqüentemente, a autoprodução de seu sujeito, reforçando, assim, a noção de que se trata de uma práxis capaz de estabelecer novos sentidos e novas regras. Essa práxis possui também a função demarcar a necessidade de uma contínua atividade instituinte em um processo cíclico e ininterrupto.

Portanto, a práxis instituinte é ao mesmo tempo a atividade que estabelece um novo sistema de regras e a atividade que tenta reiniciar permanentemente esse estabelecimento para evitar a paralisação do instituinte no instituído; por conseguinte, ela é a práxis que antecipa conscientemente, desde o início, a necessidade de modificar e reinventar o instituído que ela estabeleceu apenas para fazê-lo funcionar melhor no tempo. [...] A práxis instituinte produz seu próprio sujeito na continuidade de um exercício que deve se renovar para além do ato criador. Mais exatamente, ela é *autoprodução de um sujeito coletivo na e pela coprodução continuada de regras de direito*. (Dardot, Laval, 2016, p. 363)

Ao trazer esses conceitos dos teóricos aqui citados para a discutir as domesticidades e o morar entre os limiares do meio físico e do digital, percebe-se o potencial e a necessidade de redefinições para o que são essas domesticidades a partir desse momento de isolamento social devido à pandemia, colocado como período de ruptura em maior ou menor grau para muitas pessoas. Essa modificação de seus significados, assim como dos sujeitos em meio à imposição de um cotidiano atípico, traz um senso de possibilidade de reinterpretar o que é o morar atualmente, algo que não cabe mais em definições ditas em contextos históricos distantes e bastante distintos.

A domesticidade, trazida aqui como um conjunto de ações no espaço, carrega tanto a dimensão do imaginário reprodutor de um simbólico instituído, como de uma práxis instituinte, capaz de fazer emergir novas significações radicais. Porém, não é possível afirmar que, durante a pandemia, tenha prevalecido uma ou outra dimensão, já que os sentidos compartilhados nesse período foram múltiplos, controversos e não necessariamente novos.

3. A domesticidade é um ciborgue

Retoma-se então Donna Haraway, que em seu manifesto aborda ainda a permeabilidade das fronteiras entre mito e ferramenta, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomias históricas dos corpos possíveis. Com a tradução do mundo em sistemas de codificação pelas

tecnologias, o próprio mundo tornou-se permeável à informação, uma vez que esta busca uma linguagem comum para que toda heterogeneidade possa ser “submetida à desmontagem, à remontagem ao investimento e à troca.” (Haraway, 2000, p. 64). Ela completa que “a organização material “multi-nacional” da produção e reprodução da vida cotidiana, de um lado, e a organização simbólica da produção e reprodução da cultura e da imaginação, de outro, parecem estar igualmente implicadas nesse processo.” (Haraway, 2000, p. 67). E com isso, o imaginário que manteriam essas fronteiras dicotômicas entre base e superestrutura, público e privado, entre outras, são extremamente frágeis.

No capítulo intitulado “A ‘economia do trabalho caseiro’ fora de ‘casa’”, Haraway discute a forma como a “Nova Revolução Industrial” passou a produzir uma nova classe trabalhadora, com uma divisão internacional do trabalho interligada com a “emergência de novas coletividades e com o enfraquecimento de grupos familiares.” (Haraway, 2000, p. 68). Ela destaca o papel das mulheres nessa nova configuração econômica em que há uma feminização do trabalho, colocando-as em um lugar vulnerável na maioria das vezes, mas também capaz de sofrer essa remontagem e desmontagem, ainda que de forma exploratória. As noções do trabalho de cuidado possuem destaque no Manifesto Ciborgue, quando Haraway diz que “o sustento da vida cotidiana cabe às mulheres” (Haraway, 2000, p. 70).

A economia do trabalho caseiro, considerada como uma estrutura organizacional capitalista mundial, torna-se possível por meio das novas tecnologias, embora não seja causada por ela. O êxito do ataque contra empregos relativamente privilegiados dos trabalhadores masculinos sindicalizados em grande parte brancos está ligado à capacidade que têm as novas tecnologias de comunicação de integrar e controlar os trabalhadores, apesar de sua grande dispersão e descentralização. [...] Os novos arranjos econômicos e tecnológicos estão relacionados também à decadência do estado do bem-estar e à conseqüente intensificação da pressão sobre as mulheres para que assumam o sustento da vida cotidiana tanto para si próprias quanto para os homens, crianças e pessoas mais velhas. (Haraway, 2000, p. 69-70)

A partir dessa discussão econômica, Haraway pontua o papel das tecnologias de comunicação na erradicação da vida pública de todas as pessoas. Ela menciona os videogames e a televisão, por exemplo, como cruciais para o que dá o nome de “produção de formas modernas de vida privada” (Haraway, 2000, p. 73). Ela também menciona a impossibilidade de permanecer utilizando uma caracterização ideológica dicotômica das vidas das

mulheres, seja pela separação entre os domínios público e privado, reforçado pela distinção entre a casa e fábrica no recorte operário, ou pela casa e o mercado no recorte burguês. Até mesmo a separação entre pessoal e político torna-se uma categoria impossível nesse sentido. A filósofa propõe então a ideia de uma rede ideológica em que há “uma profusão de espaços e identidades e a permeabilidade das fronteiras no corpo pessoal e no corpo político.” (Haraway, 2000, p. 76).

É possível a partir disso então elaborar novas definições para a domesticidade. Parte-se primeiro da noção de que não é possível criar um conceito único, um consenso absoluto, seguindo o raciocínio de Haraway, uma vez que deve haver espaço para que as várias manifestações do doméstico defendam seu lugar de existência. Ao ater-nos aqui a um recorte temporal e de classe para fins metodológicos e para sua escrita, é deixado claro como é proposta uma análise que parte de um fragmento do cotidiano da pandemia, uma moldura diante da temática analisada, a partir da qual muito fica de fora. É impossível estabelecer um princípio de universalidade na análise do social, mas isso não invalida o conhecimento aqui produzido, apenas demarca a sua posição como um entre muitos outros, ainda que seja defendida a proposta de reelaborar um conceito que passou por mudanças significativas durante os últimos anos.

Entre os excessos de traumas, mídias e de informações desse período vivido, a domesticidade aqui encontrou também seus impasses: ainda que lidando com essa extensão ao virtual, o físico também se impôs dramaticamente. Essa hibridização do cotidiano que privilegiou a concentração das atividades antes presenciais em torno e dentro de telas, escancarou as precariedades de muitas moradias. O confinamento de forma mais rígida e imposta por instituições de saúde e respeitado por muitos, nos trouxe o questionamento se já não vivíamos confinados de certa forma, em espaços que não nos cabem. Com todas as atividades como trabalho, estudo, lazer, e outras sociabilidades banidas de sua realização da porta para fora durante a pandemia, percebeu-se a impossibilidade de tudo ser contido do lado de dentro. O Aleph de Jorge Luís Borges, encontrado embaixo de uma escada de um porão, não serve apenas como imagem ilustrativa do vortex infinito de informação que as ferramentas digitais podem proporcionar. Mas também funciona nesse contexto como uma metáfora de espaços apertados e não muito confortáveis de estar, ainda que possibilitem conhecer o mundo inteiro sem que se saia do lugar. Assim, após caminhar para um novo normal que de novo não possuía muita coisa, muitas precariedades da vida e do trabalho impuseram-se a partir da casa. A emergência da temática da economia do cuidado e a exaustão das mulheres durante a pandemia foi uma delas.

Dessa forma, é possível entender a domesticidade atualmente como um híbrido, um ciborgue. Haraway já questionava o purismo das divisões binárias entre natural e artificial, e o espaço doméstico e suas práticas aqui chamadas de domesticidades também desafiam uma análise dicotômica na contemporaneidade. Diante da ubiquidade da tecnologia no dia a dia da maioria das pessoas, a espacialidade digital funciona de forma conjunta ao espaço físico, não exatamente de forma simbiótica, mas sobreposta. A casa, ainda que imposta espacialmente delimitando seu lugar de importância como abrigo e privacidade ligada à ambiência física, não se situa da mesma forma quando esses mesmos fatores são transpostos para a digitalidade, por exemplo. Por isso a ideia do ciborgue de Haraway é a mais próxima da forma como a domesticidade pode ser definida atualmente. A possibilidade de desconstruir ideais construídos como naturais e dados como certos cabe tanto para a explosão de categorias como privacidade e abrigo, mas também para o constructo social do doméstico como feminino.

Por fim, a filósofa conclui em seu manifesto que “a imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas.” (Haraway, 2000, p. 98-99). Para a autora, isso é parte de um do sonho não de uma linguagem comum, mas de “uma poderosa e herética heteroglossia” (Haraway, 2000, p. 98-99), parte do processo de construir enquanto também se destroem categorias, relações e narrativas. Haraway enfatiza o papel da escrita de si nesse processo, como componentes dessa construção híbrida. As crônicas mencionadas anteriormente possuem um papel importantíssimo enquanto articuladoras da temática da domesticidade. Passemos aqui para uma atualização do termo *oikos*, derivado da Grécia Antiga e presente nesse imaginário de um panteão de conceitos que regem a vida, para novos termos, em que essas domesticidades possam ser compreendidas de maneira mais condizente com o presente, com as pessoas que o habitam e com novos imaginários do morar.

Referências

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph (1949)**. Tradução: Davi Arrigucci Jr. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COLOMINA, Beatriz. Ainda escrevendo. In: Beatriz Colomina. Marian Rosa van Bodegraven e Marianna Boghosian Al Assal (org.). **Arquitetura, sexualidade e mídia**. Tradução: Marian Rosa van Bodegraven – São Paulo: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes, 2023. p. 15-17.

CÓRDOBA, Francisco Javier Rueda. **Los Bares y el Dispositivo Doméstico**. Actas Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados. Disponível em: https://oa.upm.es/69367/1/Actas_cuidados.pdf. Acesso em: 26/04/2024. p. 289-291.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. Capítulo 10: A práxis instituinte. In: _____. **O comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**. Tradução: Mariana Exalar. – São Paulo: Boitempo, 2016. p. 335-373.

FARIA, Paula Lemos Vilaça. **Domesticidades e contra-domesticidades [manuscrito]: crônicas e cacarecos de vidas confinadas**. – 2024. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Tradução: Tomaz Tadeu. In: Tomaz Tadeu (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. – Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-129.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Tradução: Carlos Irineu da Costa; revisão técnica de Stelio Marras. – 4. ed. – São Paulo: Editora 34, 2019.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa da ficção**. Tradução: Luciana Chierigati, Vivian Chierigati Costa; introdução de Juliana Fausto; posfácio de Luciana Chierigati. – São Paulo: n-1 edições, 2021.

Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados. <https://congresoarquitecturaycuidados.com/>. Madrid, España. 2021 – Todos los derechos reservados.

SOL, Luísa. **Screen Care: Visibility, Invisibility and Metaphors of Home in the Context of Pandemic**. Actas Primer Congreso internacional feminista de Arquitectura y Cuidados. Disponível em: https://oa.upm.es/69367/1/Actas_cuidados.pdf. Acesso em: 26/04/2024. p. 326-332.

WARK, McKenzie. **O capital está morto**. Tradução: Dafne Melo. – São Paulo: Editora Funilaria e sobinfluencia edições, 2022.

Como referenciar

FARIA, Paula Lemos Vilaça; LOPES, Marcela Silviano Brandão. Domesticidades ciborgues: habitar entre as fronteiras durante o isolamento social da COVID-19. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, pp. 277-293, jul./2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2025.89401>

Copyright © 2025 Paula Lemos Vilaça Faria, Marcela Silviano Brandão Lopes



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 21/02/2025 | Aceito em 21/05/2025